

# MEMÓRIA RADIOATIVA

## DIÁLOGOS ENTRE FICÇÃO E REALIDADE EM NARRATIVAS SOBRE O ACIDENTE COM O CÉSIO-137 EM GOIÂNIA

Isaias Martins de Souza (mestrando na UEG-Mielt)<sup>1</sup>  
Coautor: Dr<sup>o</sup>. Ademir Luiz da Silva (docente na UEG-Teccer)<sup>2</sup>

### Resumo

Sabendo que a Literatura, a História e o Jornalismo têm como fonte a realidade, de onde extraem a substância para os mais variados modos de narrar, este trabalho tem por objetivo identificar pontos de aproximação e distanciamento entre estas três áreas. Pela análise de duas obras de gêneros estéticos diferentes, mas que abordam o mesmo tema (o acidente radiológico com o Césio-137, ocorrido em Goiânia em setembro de 1987), pretende-se discutir os intercruzamentos possíveis entre elas ao promoverem uma recuperação de memórias coletivas e individuais, bem como observar como estas memórias são filtradas via literatura e via jornalismo. As obras que compõem o *corpus* do trabalho são: *A menina que comeu césio*, romance-reportagem, do repórter-escritor Fernando Pinto e *Sobreviventes do Césio: 20 anos depois*, obra de caráter historiográfico da jornalista Carla Lacerda. Para um embasamento teórico adequado recorremo-nos a teóricos e críticos dessas três áreas do saber.

**Palavras-chave:** Literatura. História. Jornalismo. Memória. Césio-137.

### 1 - Introdução

Considerando a intensa discussão que se tem feito nas últimas décadas sobre as relações possíveis entre Literatura, História e Jornalismo, por meio de estudos interdisciplinares, pretende-se aqui identificar aproximações e distanciamentos entre duas obras que buscam uma recuperação de memórias (coletivas e individuais) sobre o acidente radiológico com o Césio-137, ocorrido em Goiânia no segundo domingo de setembro de 1987, bem como os liames entre memória filtrada via literatura e memória filtrada via jornalismo.

O *corpus* definido para este trabalho consiste do romance-reportagem *A menina que comeu Césio*, do repórter-escritor Fernando Pinto, publicada em 1987. O autor, apoiando-se nas experiências vividas ao cobrir o acidente radiológico em Goiânia e em pesquisas adicionais, como repórter do Correio Braziliense, elabora

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-graduado em História Cultural: *Imaginário, identidades e narrativas* pela Faculdade de História da UFG. Discente do programa de mestrado interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (UEG). Correio eletrônico: isaias.msouza@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente do programa de mestrado interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. Pós-doutor em Poéticas Visuais e Processos de Criação. Correio eletrônico: ademir.hist@bol.com.br

esse gênero fronteiro, constituído por fatos e emoldurado pela ficção. A segunda obra é *Sobreviventes do Césio: 20 anos depois*, da jornalista Carla Lacerda, publicada em 2007. Carla Lacerda, a partir dos relatos de vinte sobreviventes do acidente, elabora um livro para registrar historicamente essas memórias de vinte anos atrás.

A fim de substanciar a análise aqui proposta, buscou-se trabalhos que pudessem apresentar informações teóricas sobre os aspectos estruturante dos discursos literário e do jornalístico. Além do mais, são elencados autores que dialogam com uma proposta de investigação interdisciplinar da narrativa e o caráter relativo das lembranças, aproximando, assim, dos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural. Como a reflexão não recai meramente sobre elementos técnicos de uma narrativa, mas sim sobre o desafiante trabalho de recuperar memórias, tentaremos demonstrar as falhas e contradições que ocorrem ao longo desse processo.

## **2 - Fundamentação teórico-metodológica**

Analisamos as duas obras que compõem o *corpus* para demonstrar marcas de historicidade na ficção e de subjetividade no texto que se pretende histórico, a saber: o romance-reportagem, *A menina que comeu césio* (1987), do repórter-escritor Fernando Pinto e *Sobreviventes do césio: 20 anos depois* (2007), da jornalista Carla Lacerda. Para substanciar a análise, buscou-se inicialmente a teoria de Rildon Cosson – *Romance-reportagem: o gênero* (2001); Neila Bianchin – *Romance-reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência* (1997); Luiz Gonzaga Motta – *Notícias do fantástico – jogos de linguagem na comunicação jornalística* (2006); Antônio Candido – *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* (1976); Eliézer Cardoso de Oliveira – *Estética da catástrofe: cultura e sensibilidades* (2008); JÖRN RÜSEN – *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica* (2001); Maurice Halbwachs – *A memória coletiva* (2003); Ecléia Bosi – *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (2007); Linda Hutcheon – *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção* (1991); Hayden White – *Meta história: a imaginação histórica do século XIX* (1995); Linn Hunt – *A nova história cultural* (2001) e Sandra Pesavento – *História & História Cultural* (2003).

### 3 - Discussões e resultados

Inicialmente vale destacar que o autor Fernando Pinto apresenta elementos próprios da reportagem, com o objetivo, paradoxalmente, de escamotear a subjetividade do texto, assim, tece uma narrativa que flui pela voz de um *autor-narrador*-testemunha. Vemos um narrador *onisciente* e uma *linguagem coloquial*, quando da exteriorização do pensamento da personagem Betão, ao encontrar a cápsula de cobre que continha o Césio-137: “E foi em Wagner que ele [Betão] estava *pensando* ao deixar o interior do labirinto *fedorento*, retirando-se quase num pulo só” (PINTO, 1987, p. 16, grifo nosso). *Onisciência* e *intrusão* do narrador ao opinar sobre a masculinidade de Betão: “Não que ele não fosse macho, nada disso. Bastava olhar para se ter certeza que não tinha cara de viado” (ibidem, p. 27). O uso do *indireto-livre* pode ser notado em vários capítulos do referido romance-reportagem, e, não poucas vezes, há uma fusão das vozes do narrador com a da personagem. As vozes do narrador e de dona Maria Gabriela (sogra de Devair), quando esta analisava a filha e genro doentes, mesclam-se livremente: “Observando melhor, percebeu olheiras profundas no rosto do casal, a pele dando a impressão que estava ressecada. *Será que os dois se resfriaram?* Ela estava ali de passagem [...]” (ibidem, p. 44, grifo nosso).

Entretanto, quando voltamo-nos aos relatos colhidos pela jornalista, por serem uma evocação de memórias, notamos que podem apresentar apagamentos (voluntários, ou não) e contradições surpreendentes: ““Não foi debaixo da cama da Leide, como mostraram” (LACERDA, 2007, p. 38), assim dona Lourdes corrige a versão registrada comumente como verdadeira, a respeito do local em que os grãos de césio foram colocados por seu esposo Ivo. Além de esclarecer que os grãos foram trazidos envoltos em papel de saco de cimento e não em caixa de fósforo. ““Não me lembro da data, mas teve um dia que ajudei a minha mãe a limpar a casa (que estava suja com o pó do césio)” (ibidem, p. 43), destaca Lucélia, irmã da menina Leide das Neves. ““Acho que perto do ginásio Rio Vermelho, não me lembro” (ibidem, p. 70), afirma dona Maria Gabriela (sogra de Devair) sobre sua ida a um hospital no centro de Goiânia.

Mesmo sem querer alongar em demasia essa reflexão, sobre o quão movediço é recuperar lembranças (ainda mais de 20 anos atrás), podendo oferecer

ao pesquisador informações falsas por verdades históricas, cabe evocar aqui algumas considerações sobre o trabalho com a memória.

O historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, estabelece a diferença entre lembranças e consciência histórica em *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*, que é oportuna nesse momento. Para o autor “A mera subsistência do passado na memória ainda não é constitutiva da consciência histórica” (RÜSEN, 2001, p. 63), por isso, uma lembrança não necessariamente pode ser tomada por verdade, pois como observa o autor, ela é orientada pela “vida prática” (idem).

Tal reflexão ajuda-nos a entender melhor as contradições nos depoimentos feitos à jornalista Carla Lacerda. Esses choques acontecem, porque, como afirma Jörn Rüsen,

A narrativa histórica rememora o passado sempre com respeito à experiência do tempo presente e, por essa relação com o presente, articula-se diretamente com as expectativas de futuro que se formulam a partir das *intenções* e *diretrizes* do agir humano (ibidem, p. 64, grifos nossos).

Desse modo, percebe-se que muito embora esta pesquisa tenha se fundamentado nos depoimentos de vintes sobreviventes desta catástrofe, a de se considerar que eles já não são os mesmos de 20 anos atrás; suas palavras, seus gestos, seus sentimentos, enfim, as imagens que imergem de seus inconscientes já estão mescladas com um intervalo de duas décadas de eventos históricos e repletas de intencionalidades. Não são mais as mesmas. Por isso, as perguntas retóricas lançadas por Halbwachs: “Como isso não modificaria a idéia que ela [a pessoa que lembra] tem de seu passado? Como as novas noções que ela adquire, noções sobre fatos, reflexões e idéias, não reagiriam sobre suas lembranças?” (HALBWACHS, 2003, p. 91).

As marcas de subjetividade, inevitavelmente, aparecem. Por mais que vise a objetividade e fidelidade no resgate das memórias, a narrativa que nasce dos depoimentos é tecida como uma releitura de uma narrativa passada. No momento dos depoimentos, percebe-se que ocorre uma seleção de imagens a serem apresentadas em cada resposta ou explicação, tal escolha pode se dar de modo

consciente ou inconsciente e tal distinção pode, ou não, ser percebida pela entrevistadora-jornalista, com espírito de historiadora.

#### **4 - Considerações finais**

Diante do altíssimo diálogo entre o romance-reportagem de Fernando Pinto e a pesquisa jornalística de Carla Lacerda, pudemos perceber (paradoxalmente), com segurança historiográfica, informações apresentadas numa narrativa ficcional e, paralelamente, contradições e omissões numa pesquisa histórica. Eis o intercruzamento a que nos referimos ao longo desse trabalho.

Em face disso, e ao final desse percurso, não optaremos por eleger uma narrativa para substituir outra, pelo contrário, vemos como apropriada a valorização das multiplicidades narrativas sobre um mesmo objeto, uma vez que toda análise deve ultrapassar as escamas que tornam um gênero tão distinto do outro, para penetrar no âmago discursivo de cada um deles. É lá, no mais recôndito, que as vozes se encontram amistosamente.

Creemos que, em se tratando de interdisciplinaridade, a noção mais nítida na recuperação de memórias não ocorre pelo eco de um discurso solitário (ainda que científico), mas sim pela confluência de narrativas que apresenta o homem em sua historicidade e complexidade cultural. Sabemos que não apenas a história é capaz (ou responsável) por perscrutar essas sendas.

#### **5 - Referências bibliográficas**

- BIANCHIN, Neila T. Roso. *Romance-reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Schwarcz. Ltda, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COSSON, Rildon. *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- LACERDA, Carla. *Sobreviventes do Césio-137: 20 anos depois*. Goiânia: Contato Comunicação, 2007.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Notícias do fantástico – jogos de linguagem na comunicação jornalística*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *Estética da catástrofe: cultura e sensibilidades*. Goiânia: UCG, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão Chaves de Rezende. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.